

Paris. As duas premiações em bienais renderam reportagem na revista *Time*. A partir daí, sua obra ganhou o mundo, com exposições e prêmios em vários países.

PINTURA NIPO-BRASILEIRA A obra de Manabu Mabe retrata sua trajetória como imigrante japonês no Brasil. “Nas telas registro a minha vida e são expressões na minha individualidade”, declarou em 1985. “Viver é lutar. É preciso que a luta seja honesta. E o maior inimigo desta luta sou eu mesmo. Meu ego quando estou de frente à tela. Eu posso registrar esta vida apenas através da pintura”, acrescentou em 1969.

A evolução da produção do pintor através do tempo dá uma idéia do sentido e vivacidade que sua vida ganhou conforme pôde se dedicar mais à sua arte. Suas primeiras obras, durante os anos de 1940, ele próprio considerou como uma fase de estudo. Pintava predominantemente paisagens, natureza morta e o corpo humano. Os objetos ilustrados eram contornados com traços fortes. As cores eram mais claras e suaves. Na década seguinte passou por fases intermediárias entre o figurativismo e o abstracionismo, estilo que consolidou ao longo da carreira. Na arte abstrata de Manabu Mabe, formas sobretudo gestuais, súbitas ou suaves, têm expressão vigorosa e excitante. A partir da década de 1960, quando já morava em São Paulo e dedicava-se exclusivamente à pintura, fica perceptível o ganho de cor em suas telas – fortes e vibrantes – principalmente os tons de vermelho, amarelo, e o preto.

Para o prêmio Nobel de Literatura, Yasunari Kawabata, a arte de Mabe “é

a beleza resultante da união da tradição, do mistério e dos simbolismos orientais com as cores vivas da natureza brasileira”. Ken Mabe concorda que a obra do pai seja uma mescla: herdou da cultura japonesa uma sensibilidade nata, e da natureza brasileira a inspiração para a vivacidade expressa no colorido de seus quadros.

MUSEU MANABU MABE Faz parte das festividades pelo centenário da imigração japonesa a inauguração do museu. A idéia existe desde 1998, quando a família do pintor criou o Instituto Manabu Mabe, para manter, restaurar e catalogar sua obra. O instituto cederá obras representativas de artistas nipo-brasileiros, pertencentes ao seu acervo. Para Ken Mabe, será um espaço para artistas contemporâneos a seu pai.

O museu ficará no prédio do antigo Colégio Campos Sales, na rua São Joaquim, nº 288, no bairro da Liberdade, a cerca de 100 metros da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa Bunkyo, onde já existe o Museu Histórico da Imigração. Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), estava abandonado desde 1992, após ter sido destruído por um incêndio. A restauração do prédio, cedido pelo governo paulista, foi parcialmente financiada pelo Ministério da Cultura. Com vários ambientes e instalações museológicas de última geração, a intenção do Instituto e da família Mabe é que o museu transcenda o bairro da Liberdade e se torne um centro cultural de âmbito internacional.

Carolina Raquel Justo

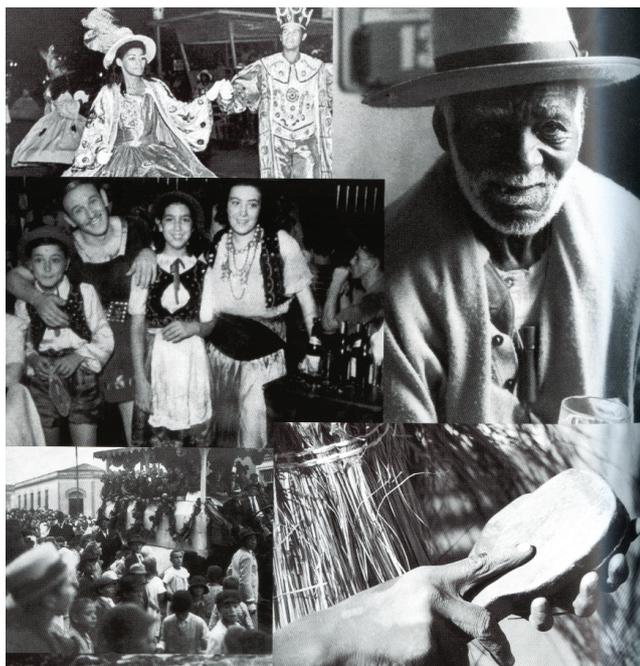


HISTÓRIA

MEMÓRIA DO CARNAVAL PAULISTANO EM LIVRO

Farto em fotos e depoimentos, o livro *Carnaval em branco e negro* reúne a memória do carnaval paulistano no século XX e mostra como a folia constrói e é construída pela cidade. “A fotografia é a prova da verdade”. A máxima do sambista “seu” Zezinho, fundador do cordão Camisa Verde e hoje falecido, foi ouvida pela pesquisadora Olga Rodrigues de Moraes von Simson quando colhia depoimentos para construir um panorama histórico do carnaval paulistano para sua tese de doutorado. Esse material, publicado quase quinze anos depois, em 2007, serviu para compor uma história muito fragmentada, quase que restrita às lembranças dos velhos patriarcas do samba paulista.

A publicação apresenta um estudo rico em detalhes sobre o carnaval



Coleção de fotos que abrem o álbum: primeiros desfiles da Nenê da Vila Matilde, carnaval “dos brancos” no Brás; instrumentos musicais; Dionízio Barbosa, fundador do 1º cordão de samba em São Paulo

paulistano entre 1914 e 1988, em que a vida da cidade, a formação de seus bairros e o seu crescimento são refletidos e se refletem na folia. Inclui, também, um álbum com quase cem fotografias, grande parte proveniente do acervo pessoal dos que foram ouvidos pela autora. Inicialmente Olga não pretendia trabalhar com fotos, mas como se mostraram importantes para ativar a lembrança dos sambistas e dos fundadores de escolas de samba e, a partir da frase ouvida de “seo” Zezinho, ela reconsiderou a decisão inicial e passou a pedir que todos trouxessem fotografias. A pesquisadora se viu com um acervo muito rico, que se tornou parte fundamental do trabalho. Um álbum de fotos nas páginas finais do livro permite ao leitor consultar as referências contidas no texto. O trabalho de restauração das fotos foi realizado com o Museu da Imagem e do Som (MIS) de São Paulo.

HISTÓRIA ORAL O projeto de Olga, também diretora do Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), foi feito com a metodologia conhecida como história oral, que busca recolher o fato histórico por meio de informações obtidas nas entrevistas. Para ela, essa era a única forma de construir a memória do carnaval paulistano, pois quase não existiam publicações sobre ele. O resultado final mostra a evolução de uma festa popular atrelada ao panorama socioeconômico da cidade.

Em textos e fotos, o livro mostra o carnaval “branco” do início do século, que seguia os moldes dos bailes de máscaras venezianas. Ele acontecia principalmente nos bairros do Brás, Lapa e Água Branca, organizado pelos comerciantes imigrantes que ali residiam e imprimiam um cunho muito familiar às festas. “Este carnaval morreu após a Segunda Guerra. Os bairros cresceram, as

pessoas se mudaram e as comunidades se desfizeram”, conta Olga.

Paralelamente à esse, havia o carnaval “negro”, com cunho de “afirmação étnica”, considera a pesquisadora. Ele ocorria quase que escondido, nos bairros então periféricos da cidade, como Barra Funda e Bexiga, criado por associações de amigos/vizinhos, formando pequenos desfiles, conhecidos como cordões, onde se misturava elementos do carnaval dos “brancos” com as influências da umbanda e tradições da população negra.

Por não contar com muitos recursos, o carnaval “negro” enfatizava a dança e a música, deixando o aspecto visual (característica do “branco”) um pouco em segundo plano. Essa característica mais criativa do carnaval popular é um dos pontos ressaltados pelo livro. Com o passar do tempo, os grupos perceberam que o carnaval era uma oportunidade de afirmar-se na sociedade urbana.



A COR DO CARNAVAL O livro mostra a evolução desse cenário e como os cordões passaram de, relegados a segundo plano, a figura central do carnaval oficial de São Paulo. Como socióloga, Olga considera o carnaval paulista interessante. “Por não ter sido valorizado pelo turismo, ele foi muito isolado e se conservou negro, mantido pelas comunidades originais até o fim da década de 1980”.

Segundo ela, os patriarcas do carnaval tinham consciência dessa função de afirmação social. Dionízio Barbosa, fundador do primeiro cordão em 1914, chamado “Grupo Carnavalesco da Barra Funda”, contou em sua entrevista: “Eu plantei para eles colherem, eu fui um ‘palhaço de rua’, mas hoje meus filhos, netos e sobrinhos estão todos encaminhados: uns no banco, outros na prefeitura, outros nos escritórios”.

Da reflexão do sambista, que entrevistou meses antes de sua morte, Olga conclui que “ele tinha consciên-

cia de que o carnaval foi importante na afirmação dos negros naquela cidade tão discriminadora”. Além da

criatividade, contribuiu para que o carnaval negro se firmasse como predominante justamente sua vertente étnica, o que os sociólogos chamam de resistência inteligente.

Os negros perceberam que podiam usar o espaço da cultura para se opor à dominação branca e buscar espaço na sociedade brasileira. Assim como as escolas de samba atuais, os cordões organizavam as atividades de lazer para a comunidade durante o ano, que serviam para gerar recursos para os desfiles e, também, de espaço para celebrar a cultura negra. Se confundindo com a própria identidade do brasileiro, o livro mostra que o ritmo e a festa do carnaval surgem e evoluem juntamente com o cotidiano e a sociedade tupiniquim.

Luciano Valente

UM HISTORIADOR DO SAMBA

Autor de importantes publicações sobre música, como o *Almanaque do choro* (Jorge Zahar Editor, 2003), as biografias de Adoniram Barbosa, Pixinguinha, Paulinho da Viola e Anacleto de Medeiros, André Diniz é um historiador dedicado ao estudo da música e que tem muitos livros publicados sobre o assunto.

O mais recente é o *Almanaque do samba* (Jorge Zahar Editor, 2007). O livro apresenta um panorama histórico da evolução do samba no país, trazendo ilustrações, curiosidades, biografias, fotos, dicas de discos, enfim, faz jus ao nome de almanaque, aproveitando-se da diversidade do gênero.

Um dos pontos de partida é a prisão do compositor João da Baiana, no início do século XX por portar um pandeiro. Tentar explicar a trajetória desse episódio até os dias de hoje, em que o samba é tido como a música do brasileiro, é o objetivo do almanaque. André pretende lançar em breve uma biografia de Noel Rosa.

